

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”

FACULDADE DE ARQUITETURA, ARTES E COMUNICAÇÃO

Curso de Comunicação Social – Jornalismo

**O olhar por trás do cabresto – histórias do
Ferradura Mirim**

Isis de Oliveira Rangel

RA: 11033924

Oitavo Termo

BAURU/SP

2015

Isis de Oliveira Rangel

RELATÓRIO DE PROJETO EXPERIMENTAL

Livro Reportagem “O olhar por trás do cabresto – histórias do Ferradura Mirim”

Relatório de Projeto Experimental apresentado em cumprimento parcial às exigências do Curso de Jornalismo da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, do Departamento de Comunicação Social, da UNESP – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, para obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social – Jornalismo.

Orientador do Projeto Experimental:

Prof. Dr. Cláudio Bertolli Filho

Bauru, 2015

Agradecimentos

Agradeço a meu orientador, Cláudio Bertolli, por toda atenção dispendida durante todo o processo de escrita do projeto.

Aos meus professores de graduação, Ângelo Sottovia, Dino Magnoni e Mayra Ferreira por todas as conversas de corredor.

Às minhas amigas Mayara Abreu Mendes e Maria Eduarda Amorim pela ajuda, não só nesse projeto como em tantos outros durante a faculdade.

Ao meu namorado Mauricio Daniel, por acreditar nessas histórias tanto quanto eu.

Dedicatória

À minha avó Ana que não fui tão próxima em vida, mas nos deixou enquanto eu escrevia essa história e me fez perceber a importância de escrevê-la.

Ao meu avô José, por eu ter a certeza de que se estivesse entre nós, sairia aos quatro ventos parabenizando a neta caçula.

À minha tia Meire, por ter dado o empurrão que faltava para eu ir atrás do que eu busquei a vida inteira.

Aos meus pais, Luciano e Eliane, por abdicarem de seus sonhos para que eu e minha irmã alcançássemos os nossos.

RESUMO

Este projeto experimental consiste na produção de um livro-reportagem sobre a relação de preconceito e identidade no bairro do Ferradura Mirim, da cidade de Bauru. O bairro escolhido não é regularizado pela Prefeitura Municipal, tornando-se um dos menos favorecidos da cidade, com infraestrutura mínima e pouca ajuda das autoridades locais. As fontes são os moradores do bairro que nos contaram como é a vida na periferia de um grande centro urbano e como o preconceito está presente nas relações de seu cotidiano. Usando o Jornalismo Literário, relatamos com mais clareza as histórias das personagens em questão, visando causar uma maior reflexão sobre essa parte da sociedade que vive com um grande estigma negativo sobre si.

SUMÁRIO

1 Introdução	07
2 Fundamentação Teórica	09
2.1 Fundamentação e justificativa do gênero e formato escolhido	09
2.1.1 Livro-reportagem	09
2.1.2 Perfis	10
2.2 Fundamentação teórica do produto; conceitos que nortearam as escolhas na realização e finalização do produto	11
2.3 Fundamentação teórica das técnicas jornalísticas empregadas	13
2.3.1 História Oral	13
2.3.2 Jornalismo Literário	13
3 Planejamento do produto jornalístico	14
4 Metodologia	15
4.1 Descrição das atividades executadas	15
4.2 Descrição das técnicas empregadas	17
4.3 Descrição do produto final	18
5 Considerações Finais	18
6 Referências Bibliográficas	21

1 Introdução

O preconceito é um dos fatores que influenciam a formação de identidade do indivíduo. O preconceito contra os menos favorecidos economicamente é visível na sociedade brasileira, tão visível que se torna naturalizado:

As raízes familiares da reprodução do privilégio de classe e o abandono social e político secular de classes sociais inteiras, cotidianamente exercido pela sociedade inteira, são tornados invisíveis para propiciar a “boa consciência do privilégio”, seja econômico (das classes altas), seja cultural (das classes médias), e torná-lo legítimo (SOUZA, 2009, p. 20)

O morador de periferia de centros urbanos, normalmente sem acesso a tais privilégios sofre com tal preconceito cotidianamente. O caso específico do bairro Ferradura Mirim, da cidade de Bauru, serve de exemplo para essa questão. Os terrenos ocupados desde meados da década de 1980 ainda não são regularizados pela Prefeitura Municipal, o que causa a falta de infraestrutura e de investimento de órgãos públicos no bairro.

Localizado na zona leste de Bauru, próximo ao Distrito Industrial I, o Ferradura é contornado pelas avenidas Cruzeiro do Sul, Jorge Schneyder Filho e Santa Beatriz da Silva – as três avenidas são as únicas ruas asfaltadas do bairro.

Na parte de baixo do bairro, há uma ocupação mais recente, chamada pelos moradores de “*favelinha*”, onde existem apenas barracos de madeira e papelão. A parte mais antiga conta com casas de alvenaria, água encanada e energia elétrica.

Na imprensa bauruense, o bairro normalmente aparece como pano de fundo para crimes, de assassinatos a tráfico de drogas. Apesar disso, o bairro passa por melhorias, como a instalação de postes de eletricidade no início de 2014 na parte ocupada mais recentemente, o que aumenta a autoestima dos moradores do local.

Muitos querem sair dali e ir para “um lugar melhor”, mas outros lutam pela transformação do bairro e esperam que com a regularização – prometida pelo prefeito durante as eleições de 2012 -, a vida melhore. Parte da sociedade bauruense olha para o Ferradura com medo e se distancia, como se aquela

parte da cidade localizada no final da avenida Cruzeiro do Sul não existisse ou não pertencesse ao resto da cidade e não se interessam se a vida tem melhorado ou piorado naquela região:

Há realmente muitas precauções para aprisionar um homem naquilo que ele é, como se vivêssemos com o perpétuo receio de que possa escapar do que é, possa fugir e de repente se ver livre da própria condição (GOFFMAN, 1975, p.75)

Desse modo, ouvir a versão de indivíduos estigmatizados e excluídos historicamente se torna essencial para conseguirmos entender a sociedade em que vivemos. A questão da precariedade de moradia nas periferias e as dificuldades impostas às pessoas que ali vivem ainda é muito negligenciada pelo resto da sociedade, incluindo a classe jornalística:

Essa classe social, que é sempre esquecida enquanto uma classe com uma gênese e um destino comum, só é percebida no debate público como um conjunto de “indivíduos” carentes ou perigosos, tratados fragmentariamente por temas de discussão superficiais, dado que nunca chegam sequer a nomear o problema real, tais como “violência”, “segurança pública”, “problema da escola pública”, “carência da saúde pública”, “combate à fome” etc. (SOUZA, 2009, p. 21)

Essa representação que a mídia dá aos moradores da periferia reforça os preconceitos das classes dominantes. No Brasil, uma minoria com maior poder econômico e político domina a maioria menos favorecida economicamente:

O argumento de sua marginalização e até da sua transformação em minoria vem do fato de que eles são muito diferentes para serem plenamente associados à direção da sociedade. Pode-se ver que a imposição de diferenças significa mais a afirmação da única identidade legítima, a do grupo dominante, do que o reconhecimento das especificidades culturais. (CUCHE, 1999, p.187)

Entender como a identidade do marginalizado pode ser afetada por essa perspectiva se torna importante para transmitir as ideias desses indivíduos. A construção de nossa identidade (autoidentidade) está diretamente ligada às impressões que os outros têm de nós (heteroidentidade):

A autoidentidade terá maior ou menor legitimidade que a heteroidentidade, dependendo da situação relacional, isto é em particular da relação de força entre os grupos de contato – que pode ser uma relação de forças simbólicas. Em uma situação de

dominação caracterizada a heteroidentidade se traduz pela estigmatização dos grupos minoritários. Ela leva frequentemente neste caso ao que chamamos uma “identidade negativa”. (CUCHE, 1999, p. 184)

Tentando reverter isso, pretendíamos mostrar, por meio de um livro-reportagem de perfis, as histórias dos moradores, buscando mostrar como é o dia a dia dos entrevistados e como o preconceito afeta suas vidas. Usando a vertente de Jornalismo Literário, buscamos o lado mais intenso e ilustrativo do jornalismo, usando técnicas de descrição mais minuciosas, característica de tal estilo e utilizando intervenções do autor:

Parecia absolutamente importante *estar ali* quando ocorressem cenas dramáticas, para captar o diálogo, os gestos, as expressões faciais, os detalhes do ambiente. A ideia era dar a descrição objetiva completa, mais alguma coisa que os leitores sempre tiveram de procurar em romances e contos: especificamente, a vida subjetiva ou emocional dos personagens. (WOLFE, 2005, p.37)

Assim, procuramos abordar o lado mais humano do Ferradura Mirim, mostrando parte da realidade das pessoas que lá vivem. Cada indivíduo racionaliza e sente o preconceito sofrido de uma forma, causando uma diferente consequência em cada história de vida; ao tornar tais histórias centro de uma pesquisa, buscamos trazer à luz os sentimentos escondidos de grande parcela da população brasileira, proporcionando uma reflexão mais profunda sobre a estrutura de nossa sociedade e as oportunidades de mudarmos tal situação.

O projeto tem como objetivo elucidar como o preconceito afeta as pessoas e o motivo dessa exclusão do menos favorecido ser vista como natural por grande parte da nossa sociedade. Além disso, por meio do uso da linguagem da vertente do Jornalismo Literário, procuramos mostrar o lado mais humano do bairro Ferradura Mirim e treinar a capacidade de observação e reportagem da pesquisadora.

2 Fundamentação Teórica

2.1 Fundamentação e justificativa do gênero e formato escolhido

2.1.1 Livro-reportagem

O projeto experimental é um livro-reportagem perfil sobre as consequências do preconceito na formação de identidade dos moradores do Ferradura Mirim. O livro-reportagem permite que pequenas histórias como as dos moradores de um bairro excluído em uma cidade de interior reflitam em um âmbito maior, como a necessidade de discutir a questão da moradia nas periferias e o que isso causa às pessoas que lá vivem:

Universalidade, em jornalismo, significa variedade tanto no plano da abordagem de diferentes temas quanto da multiplicidade de aspectos que se aborda de um mesmo tema. (...) Portanto, um livro-reportagem isolado é dotado de universalidade, por sua vez, porque necessariamente capta e traduz várias facetas do objeto abordado. (LIMA, 2009, p. 49)

Escolhemos o livro-reportagem, pois juntamente com a vertente do Jornalismo Literário, permite que o jornalista tenha um maior engajamento na história – seja durante o acontecimento propriamente dito, seja durante o planejamento e pesquisa anterior a cobertura no campo da reportagem. Esse fato possibilita uma maior aproximação com o leitor, que se vê representado em trechos do livro e em pequenas partes das representações dos personagens retratados:

(...) tocar o leitor, sensibilizá-lo, estimulá-lo, movê-lo para que a comunicação se dê. Todo processo de comunicação causa um efeito no receptor, mas esse efeito só é eficaz, do ponto de vista do emissor, se antes há o contato comum, o elo de ligação que se transforma no portal conhecido pelo qual o leitor avança para o universo desconhecido que a obra propõe. Por associações de ideias, memórias, identificações e projeções – nos níveis intelectual, emocional –, o leitor pode sentir-se algo familiarizado com o mundo contido no livro, inclinado a penetrá-lo. (LIMA, 2009, p. 143)

2.1.2 Perfis

A produção de nosso livro-reportagem foi feita por meio de perfis dos indivíduos levantados como fontes. Os perfis são uma maneira mais íntima e detalhista de descrever uma pessoa, trazendo a possibilidade de descrições mais densas e que contribuam para a reflexão que o livro deve gerar:

Os perfis também só podem elucidar, indagar, apreciar a vida num dado instante. São mais atraentes quando provocam reflexões sobre aspectos objetivos e subjetivos comuns à existência de todos nós (BOAS, 2005, p. 20)

Os perfis permitem que o estilo do texto seja mais “livre” e em consequência, conseguimos descrever as cenas e as pessoas retratadas com mais densidade e detalhes. Escrever sobre a vida de uma pessoa – ou parte da vida dela – demanda tempo e um conhecimento pouco mais profundo sobre a fonte. É muito importante que o repórter esteja em conexão com o perfilado para garantir uma descrição mais exata do que indivíduo é, sente e faz:

O fato de os atos e as reações de uma personagem deixarem transparecer, ainda que de maneira fluída, as suas características, tem enorme importância na estruturação de um perfil. É a possibilidade de descrever uma pessoa contando o que ela faz e como faz, permitindo a incorporação num texto descritivo de trechos narrativos. São recursos consideráveis. (BOAS, 2005, p. 29)

Ao mostrar retratos da vida de determinados moradores do bairro, pretendemos evidenciar as dificuldades de viver no Ferradura Mirim e a consequência que elas causam na vida dessas pessoas, mas também mostrar que a vida de tais indivíduos pode não ser tão diferente do resto da sociedade que mora em bairros “mais confortáveis”. Procuraremos fontes que estão no bairro desde o início da ocupação, que lá nasceram e que tenham mudado para lá recentemente. Também buscaremos fontes que mudaram do Ferradura e casos específicos de moradores mais ilustres, como os donos de comércio e quem está a frente da Associação de Moradores.

Produzir um livro-reportagem de perfis utilizando os recursos do Jornalismo Literário nos possibilita descrever com maior exatidão as pessoas ouvidas e os lugares em que se encontram, facilitando o envolvimento do leitor, trazendo à tona pensamentos e reflexões necessárias para pensarmos as relações dentro de nossa sociedade.

2.2 Fundamentação teórica do produto; conceitos que nortearam as escolhas na realização e finalização do produto.

Neste projeto de pesquisa, utilizamos o método de pesquisa etnográfica. Com base na Antropologia, o método etnográfico procura criar uma relação mais estreita entre entrevistador e entrevistado. É necessária uma observação contínua do objeto de estudo para obter resultados:

Fazer a etnografia é como tentar ler (no sentido de “construir uma leitura de”) um manuscrito estranho, desbotado, cheio de elipses, incoerências, emendas suspeitas e comentários tendenciosos, escrito não com os sinais convencionais do som, mas com exemplos transitórios de comportamento modelado. (GEERTZ, 1978, p. 20)

A partir disso, podemos perceber que a atividade etnográfica demanda tempo e uma capacidade de observação aguçada do pesquisador. Para estudar e analisar o outro, o pesquisador precisa, muitas vezes, repensar suas hipóteses e conceitos definidos, pois a cultura não é estática:

A cultura não é um poder, algo do qual podem ser atribuídos casualmente os acontecimentos sociais, os comportamentos, as instituições ou os processos; ela é um contexto, algo dentro do qual eles podem ser descritos de forma inteligível – isto é, descritos com densidade. (GEERTZ, 1978, p. 24)

Como cada indivíduo sente o preconceito de uma forma, cada depoimento colhido se tornou importante para entender a relação entre preconceito e identidade. Além disso, o contato direto do pesquisador com o indivíduo escolhido deve se tornar um diálogo aberto, propiciando um maior conhecimento entre os dois e possibilitando uma melhor observação do entrevistado pelo entrevistador:

Deve atentar-se para o comportamento, e com exatidão, pois é através do fluxo do comportamento – ou, mais precisamente, da ação social – que as formas culturais encontram articulação. Elas encontram-na também, certamente, em várias espécies de artefatos e vários estados de consciência. (GEERTZ, 1978, p.27)

Desse modo, observar o ambiente em que se encontra o indivíduo torna-se importante para adquirir informações mais precisas para a pesquisa. Para Medina (1995), “o entrevistador tem de encarar o momento da entrevista como uma situação psicossocial, de complexidade indiscutível”. Levando-se em conta o objeto de nossa pesquisa – as consequências do preconceito na formação de identidade dos moradores do bairro Ferradura Mirim – a necessidade de estabelecermos uma relação de confiança e compreensão com o entrevistado foi essencial para nosso sucesso.

Aplicamos a observação participante como método de procedimento para nos aproximar dos moradores do bairro, atingindo um maior nível de confiança entre entrevistador e entrevistado. Foi essencial estar presente no

bairro para investigar como as pessoas lá vivem e como se dão a relação entre elas.

Para nos ajudar em nosso projeto experimental, além da história oral e da consequente observação participante, utilizamos o processo de levantamento de dados para nos ajudar a contextualizar o objeto de pesquisa. Por meio de leitura de livros, artigos, reportagens e diversas outras fontes documentais, nos preparamos para realizar as entrevistas e até mesmo observar (e analisar) os moradores do bairro com mais propriedade e embasamento teórico.

A documentação de tais dados se deu por meio de fichamentos das leituras e a anotação e gravação das entrevistas realizadas. As entrevistas, como dito no início desse tópico, tiveram como centro a história de vida dos personagens que foram elencados durante a fase de levantamento de dados.

2.3 Fundamentação teórica das técnicas jornalísticas empregadas

2.3.1 História oral

Para nos ajudar na pesquisa, utilizamos a história oral que usa como método de procedimento a escolha de um grupo e a posterior entrevista e arquivamento dos dados obtidos nela para construir uma narrativa.

Como pressuposto, a história oral implica uma percepção do passado como algo que tem continuidade hoje e cujo processo histórico não está acabado. A presença do passado no presente imediato das pessoas é a razão de ser da história oral. (MEIHY, 2005, p. 18)

Como o foco de nosso trabalho era trabalhar as consequências do preconceito na formação de identidade dos moradores do Ferradura Mirim, a história oral se encaixou como um método auxiliar para conseguirmos alcançar os pensamentos e sentimentos dos entrevistados em relação a sua condição social:

Uma parte significativa dos trabalhos de história oral tem se ocupado das identidades. É exatamente por se equiparar histórias que têm pontos comuns que se vale positivamente do recurso da história oral como forma de reorganizar os espaços políticos dos grupos que, sob nova interpretação, teriam força social. (MEIHY, 2005, p. 19)

2.3.2 Jornalismo Literário

Usando a vertente do Jornalismo Literário, pretendíamos levar ao extremo os recursos de descrição e detalhamento do entrevistado e do ambiente em que ele se encontra. No Jornalismo Literário, como o nome já sugere, os estilos jornalístico e literário se confundem, permitindo que o repórter use e abuse de intervenções e descrições que não são comuns ao jornalismo mais formal:

A voz do narrador, na verdade, era um dos maiores problemas na escritura de não-ficção. A maioria dos autores de não-ficção escrevia, sem saber, dentro da tradição britânica centenária, na qual fica entendido que o narrador tem de assumir uma voz calma, cultivada e, de fato, polida. (WOLFE, 2005, p. 32)

O Jornalismo Literário surgiu em meados da década de 1960, nos Estados Unidos e seus maiores expoentes são jornalistas como Gay Talese, Tom Wolfe e Jimmy Breslin e escritores como Truman Capote e Norman Mailer. No Brasil, as reportagens produzidas dentro da Revista O Cruzeiro e Realidade são os maiores exemplos do estilo no país. Não existe um grupo criador do Jornalismo Literário, como ocorreu com outras vertentes literárias, e ele não tem recursos e estilos específicos para seus autores seguirem. A vertente nasceu num momento em que existia uma efervescência cultural pelo mundo e as velhas e consagradas formas de *lead* e pirâmide invertida do jornalismo diário não davam conta de reportar tudo o que estava ocorrendo nos agitados anos 1960.

Não era nenhum “movimento”. Não havia manifestos, clubes, salões, nenhuma panelinha; nem mesmo um bar onde se reunissem os fiéis, visto que não era nenhuma fé, nenhum credo. Na época, meados dos anos 60, o que aconteceu foi que, de repente, sabia-se que havia uma espécie de excitação artística no jornalismo, e isso em si já era uma novidade. (WOLFE, 2005, p. 40)

No Jornalismo Literário, o narrador pode participar da história, deixando o leitor ainda mais próximo do que está sendo retratado. Ao utilizar tal recurso dentro de um perfil, pretendemos humanizar ainda mais as histórias de vida das personagens escolhidas, tentando mostrar como é viver em sua pele.

Gostava da ideia de começar uma matéria deixando o leitor, via narrador, falar com os personagens, intimidá-los, insultá-los, provocá-los com ironia ou condescendência, ou seja lá o que for. Por que o

leitor teria de se limitar a ficar ali quieto e deixar essa gente passar num tropel como se sua cabeça fosse a catraca do metrô? (WOLFE, 2005, p. 31)

3 Planejamento do produto jornalístico

3.1 Público-alvo

O público alvo do livro-reportagem pode ser bastante variado. Por tratar de histórias de vida de pessoas do cotidiano, qualquer interessado em relatos do tipo pode julgar a obra relevante. O livro também pode atrair pessoas interessadas nas discussões da divisão dos espaços urbanos e da exclusão social dos menos favorecidos economicamente. Dada a amplitude do tema, torna-se difícil precisar a faixa etária do leitor médio: englobaria de jovens adultos até pessoas da terceira idade.

3.2 Circulação

A circulação do livro poderia, a princípio, ter interesse regional, por tratar de um bairro da cidade de Bauru, no entanto, por abordar histórias e questões que se repetem em todo o país pode facilmente alcançar um interesse nacional.

3.3 Custos de implantação

Na fase de apuração do livro não foi gasto nenhum dinheiro além do custo das passagens de transporte coletivo municipal nas cerca de dez visitas feitas ao Ferradura Mirim, totalizando 30 reais.

Na fase de produção, a estudante de Design da UNESP de Bauru, Letícia Panichi, fez o trabalho de arte e diagramação do livro ao preço de 530 reais. As fotografias foram produzidas pela aluna de Jornalismo da UNESP de Bauru, Julia Travieso, e a revisão do texto foi feita pela jornalista Larissa Mainé, ambos os trabalhos de forma gratuita. A impressão de cada exemplar da obra custou 35 reais – a primeira tiragem de sete livros totalizou um custo de 247 reais.

Ao todo, foram aplicados 807 reais na elaboração do livro.

4 METODOLOGIA

4.1 Descrição das atividades realizadas

Transporte:

Para a realização das entrevistas foi necessário o deslocamento da região central da cidade de Bauru até o bairro Ferradura Mirim. Cerca de dez visitas ao bairro foram feitas para realizar todas as entrevistas.

Entrevistas:

Na fase de apuração, no total foram entrevistadas dez fontes, mas uma delas foi descartada a pedido da mesma. Das nove entrevistas que constam no livro, cinco tiveram os áudios gravados em um gravador comum da marca Sony de uso pessoal e uma gravada em celular da marca Motorola também de uso pessoal. As três restantes não foram gravadas a pedido das fontes, seu único registro são as anotações feitas num caderno de uso pessoal.

Para a apuração da primeira entrevista foi utilizada a indicação da psicóloga Caroline Trevisan, do projeto socioeducativo Centro Irmã Adelaide, que permitiu a abordagem das participantes do grupo de apoio a mulheres oferecido pelo projeto durante uma de suas reuniões. Em primeiro momento, duas mulheres aceitaram falar, mas durante a entrevista uma delas desistiu.

A única entrevista previamente marcada foi de Gisele Moretti, por conta da agenda ocupada da entrevistada. As outras fontes foram abordadas de forma espontânea, enquanto trabalhavam ou andavam pelas ruas do bairro.

Um roteiro prévio de perguntas foi escrito, porém não utilizado em sua totalidade, já que procuramos seguir o método de história oral proposto por Meihy, em que um diálogo é estabelecido entre fonte e entrevistado, possibilitando uma conversa mais aberta e dinâmica. Por esse motivo, durante as entrevistas de Orizilda e Maria os sobrenomes das fontes não foram perguntados, por se tratarem de diálogos mais informais do que os demais.

Na penúltima entrevista feita, a fonte C.M. aceitou conversar sob a condição de que apenas suas iniciais constassem no livro.

Na versão final do livro estão presentes as entrevistas de Gisele Moretti, Benedita Moreira, Maria, Orizilda, Aparecida Sale, Simone Paz, José Ferreira, C.M. e Evanildo Chagas.

Fotografias:

As fotografias foram tiradas e produzidas pela estudante de Jornalismo da UNESP de Bauru Julia Travieso em uma visita única ao bairro Ferradura Mirim. Foram escolhidos locais representativos de cada fonte entrevistada para o livro e marcos do bairro, como a rua principal.

No final do livro há uma galeria de imagens ilustrando momentos históricos do bairro, como a chegada do asfalto e do encanamento. Essas fotografias foram cedidas pela presidente da Associação dos Moradores do Ferradura Mirim, Gisele Moretti, e posteriormente reproduzimos as imagens originais fotograficamente (foto da foto), uma vez que ela não permitiu que as imagens fossem retiradas de seu escritório.

Transcrição:

Durante o processo de redação do livro, as entrevistas gravadas foram transcritas parcialmente para a obtenção correta de nomes e datas citados pelos entrevistados.

4.2 Descrição das técnicas empregadas

Os dados contidos no livro sobre o bairro foram coletados durante as entrevistas com os personagens, especialmente na conversa com Gisele Moretti. Seis das nove entrevistas foram gravadas com gravador comum e feitas pessoalmente em vários locais do Ferradura Mirim.

A linguagem utilizada durante as conversas com as fontes foi informal e dinâmica para deixar os entrevistados confortáveis para falar sobre suas histórias pessoais a fim de conseguirmos retratar a realidade do local onde vivem, além do que os meios de comunicação tradicionais divulgam, seguindo o que diz Meihy (2005) “além do mais, história oral é uma alternativa à história oficial, consagrada por expressar interpretações feitas, quase sempre, com o auxílio exclusivo da documentação escrita e cartorial”.

Para a produção de cada perfil, transcrevemos parte das entrevistas gravadas para obter dados que consideramos relevantes, como datas e nomes

completos. Com tais informações, escrevemos os perfis de forma mais humanizada utilizando a linguagem do Jornalismo Literário.

Seguindo Wolfe (2005) “só através das formas mais investigativas de reportagem era possível, na não-ficção, usar cenas inteiras, diálogo extenso, ponto de vista e monólogo interior”, os textos foram escritos com narrador-personagem com distanciamento ocasional quando a perspectiva onisciente se mostrou necessária, como no caso do uso de itálico para reforçar as histórias contadas pelos personagens do livro.

As fotografias entram para ilustrar alguns cenários onde as histórias são retratadas e pontos importantes do bairro, para ajudar o leitor a formar as imagens mais fielmente. O mapa do bairro encontrado no começo da obra tem o objetivo de localizar o leitor geograficamente durante a leitura, assim como descrito no primeiro capítulo do livro.

4.3 Descrição do produto final

O livro-reportagem tem formato A5 (14,8 x 21 cm) e 116 páginas divididas em dez capítulos, sendo o primeiro uma apresentação do bairro e os outros nove de perfis dos entrevistados. Também estão presentes dedicatória, agradecimentos e uma nota da autora para explicar a motivação para a produção do livro e o nome da obra.

No começo de cada capítulo consta uma fotografia e uma citação do respectivo perfilado. Escolhemos as partes mais marcantes das entrevistas para as nove citações. Cada título de capítulo segue a tendência de ressaltar traços físicos, psicológicos ou contextuais de cada entrevistado retratado.

No final do livro consta uma galeria com quatro imagens com momentos históricos do bairro.

5 Considerações finais

O projeto experimental “O olhar por trás do cabresto – histórias do Ferradura Mirim” é um livro-reportagem de perfis sobre as consequências do preconceito na formação de identidade dos moradores do bairro da periferia de Bauru. Foram perfilados nove moradores que contaram suas histórias de vida e permitiram sua publicação no livro. Além disso, o primeiro capítulo traz uma

apresentação descritiva do bairro. Os textos seguem o modelo de perfis mais humanizados de Sergio Villas Boas com as ideias de Tom Wolfe para a linguagem do Jornalismo Literário e o método de história oral para a obtenção das histórias.

Com a obra, pretendia-se retratar de forma mais humanizada a vida de moradores da periferia de um grande centro urbano e se o preconceito afetava a construção da identidade delas. Por se tratar de nove histórias de vida diferentes, ora se comprava a hipótese de que os personagens são afetados, ora essa ideia era desconstruída.

No começo houve dificuldades em planejar a apuração por se tratar de um tema muito amplo. A partir do primeiro contato com a psicóloga Caroline Trevisan, do projeto socioeducativo Centro Irmã Adelaide, as entrevistas se tornaram mais fáceis, pois ela foi uma ponte necessária para o acesso aos moradores. Após a segunda entrevista feita com a presidente da Associação dos Moradores do Ferradura Mirim, surgiu um panorama melhor do bairro, o que ajudou nas perguntas às outras fontes.

O processo de busca e abordagem dos outros entrevistados foi mais simples e aleatório. Alguns indicavam a próxima fonte ou eram abordados na rua e em seus locais de trabalho. Tal método conferiu ao livro um clima mais leve e descontraído evidenciado pela opção de construir grande parte da escrita com diálogos diretos e sem muitas pausas.

Apesar do tom natural das conversas, abordar pessoas e interromper sua vida cotidiana nunca deixou de ser remotamente estranho, mas conforme a passagem do tempo e das vistas ao bairro, a segurança do método empregado aumentou, facilitando o processo de chegar às fontes. Ainda assim, houve muitas recusas e certa dificuldade em encontrar o Padeiro – último perfil encontrado no livro.

Depois de terminada a coleta das entrevistas, a maior dificuldade foi o processo criativo e a decisão das linguagens aplicadas em cada perfil. Há padrões durante toda a obra, como o uso do itálico para ressaltar histórias do passado dos personagens, criando uma terceira visão dentro da narração costumeira do livro. O uso de onomatopéias, travessões e descrição de acontecimentos fora do perfil propriamente dito foi opção da autora por tentar

trazer o leitor para mais perto da realidade das histórias retratadas, tentando ao máximo se aproximar das ideias de Tom Wolfe e Gay Talese sobre a linguagem do Jornalismo Literário. A decisão pelo uso de tal linguagem surgiu antes mesmo de firmado o tema do livro, causada pela grande admiração da autora ao estilo criado na década de 1960.

O processo de escrita durou cerca de um mês e o de diagramação e revisão cerca de duas semanas. A opção da autora em pagar a diagramação do livro foi tomada por conta da pouca familiaridade que a autora tem com os programas utilizados para isso, como o Adobe InDesign.

Por não possuir câmera fotográfica, a autora optou em pedir a uma amiga para tirar e produzir as fotos do livro, buscando uma melhor qualidade das imagens. Também pela falta de câmera, não houve retrato dos perfilados – o que muitas vezes ajudou na aproximação da autora durante suas abordagens, uma vez que a maioria pedia para não filmá-los/fotografá-los.

Outra dificuldade encontrada foi achar dados oficiais sobre o Ferradura Mirim para tentar comparar com os fatos relatados nas entrevistas e conversas com moradores que não foram perfilados. A partir de tal dificuldade, a autora se propôs a retratar somente o lado dos moradores buscando o lado que quase nunca foi ouvido por outros meios de comunicação e até mesmo pessoas que moram fora do bairro.

O transporte até o Ferradura Mirim era um pouco dificultoso dependendo do horário, pois a linha de transporte coletivo municipal utilizado pela autora para chegar até o bairro, Tangarás/Centro, diminui sua frequência em certos horários do dia, mas como a maioria das entrevistas foi feita no período da manhã, essa dificuldade foi enfrentada apenas em dois dias de entrevistas.

Todas as dificuldades – principalmente a da escrita – sumiram ao ouvir a entrevista de dona Orizilda, a perfilada do capítulo cinco. A história da empregada doméstica aposentada trouxe à tona a importância de narrar a vida dos personagens escolhidos a fim de mostrar o que a maioria de nós nunca enxerga: a luta diária da sobrevivência nas periferias do país.

A ideia inicial do livro surgiu com a necessidade de revirar a vida da família da autora, por isso a opção dos monólogos interiores durante algumas passagens do livro. Além disso, ao escrever o perfil de outra moradora do

Ferradura Mirim para um trabalho acadêmico, ficou evidenciado o quanto desconhecemos a cidade onde moramos e as pessoas que convivemos todos os dias.

A maior lição desse projeto experimental foi a comprovação da necessidade de entender o outro e se despir dos preconceitos, não só como jornalista, mas também como cidadão. Buscar conhecer o lado dos desfavorecidos historicamente é um trabalho árduo, mas tão recompensador que acaba se tornando quase viciante.

6 Referências Bibliográficas

BOAS, Sérgio Vilas. **Perfis e como escrevê-los**. São Paulo: Summus Editorial, 2003.

CUCHE, Denys. Cultura e Identidade. In: _____. **A noção de cultura nas ciências sociais**. Bauru: Edusc, 1999, p. 175-202.

GEERTZ, Clifford. Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura. In: _____. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978, p. 13-41.

GOFFMAN, Erwing. **A representação do eu na vida cotidiana**. Petrópolis: Vozes, 1975.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de Despejo**: diário de uma favelada. São Paulo: Ática, 1993.

LIMA, Edvaldo Pereira de. **Páginas Ampliadas**: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura. Barueri: Manole, 2009.

MEDINA, Cremilda. **Entrevista**: um diálogo possível. São Paulo: Ática, 1995.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de História Oral**. São Paulo: Loyola, 2005.

SOUZA, Jessé. **Ralé brasileira**: como é e como vivem. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

WOLFE, Tom. **Radical chique e o novo jornalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.